



ETNOGRAFIA E PESQUISA-AÇÃO: CARACTERÍSTICAS DISTINTIVAS DESSES MÉTODOS QUALITATIVOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

ETHNOGRAPHY AND ACTION RESEARCH: DISTINCTIVE CHARACTERISTICS OF THESE QUALITATIVE METHODS IN SOCIAL SCIENCES

Luiz Paulo Rigueira de Morais¹

Brendow de Oliveira Fraga²

Magnus Luiz Emmendoerfer³

Thiago Chagas de Almeida⁴

Resumo: O presente trabalho buscou debater as características que distinguem duas metodologias de pesquisa qualitativa muito utilizadas nas ciências sociais, a etnografia e a pesquisa-ação. Tal objetivo partiu da necessidade de compreender a coerência metodológica dos estudos qualitativos das ciências sociais. A discussão foi feita analisando uma bibliografia específica, recente e de impacto sobre ambas as metodologias. Dessa forma, foram identificadas particularidades desses métodos em relação: ao recorte da descrição analítica; à forma de produzir conhecimento científico; ao modo de reflexão dos achados; e à interferência do pesquisador nas práticas sociais. Este ensaio teórico-metodológico contribui para indicar possibilidades e potenciais de aplicação da etnografia e da pesquisa-ação em estudos qualitativos nas ciências sociais, um tema que precisa ser debatido progressivamente pela literatura.

Palavras-chave: Etnografia; Pesquisa-ação; Métodos Qualitativos; Ciências Sociais; Ensaio Teórico-Metodológico.

Abstract: The present work sought to debate the characteristics that distinguish two qualitative research methodologies widely used in social sciences, ethnography and action research. This objective stemmed from the need to understand the methodological coherence of qualitative studies in the social sciences. The discussion was carried out by analyzing a specific, recent and of impact bibliography on both methodologies. Thus, particularities of these methods were identified in relation to: the cut of the analytical description; the way of producing scientific knowledge; the mode of reflection of the findings; and the researcher's interference in social practices. This theoretical-methodological essay helps to indicate the possibilities and potential for applying ethnography and action research in qualitative studies in the social sciences, a topic that needs to be progressively debated in the literature.

Keywords: Ethnography; Action Research; Qualitative Methods; Social Sciences; Theoretical-Methodological Essay.

¹Mestre em Administração, Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil. E-mail: luiz.morais@ufv.br

²Mestre em Administração, Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil. E-mail: brendowfraga@gmail.com

³Doutor em Ciências Humanas: Sociologia e Política, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil. E-mail: magnus@ufv.br

⁴Mestre em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil. E-mail: thiagoc-almeida@hotmail.com



1 Introdução

A história das ciências sociais é marcada por múltiplas abordagens metodológicas e epistemológicas (Camayd; Freire, 2020; Dal Rosso; Bandeira; Costa, 2002). Essa diversidade de perspectivas na construção do conhecimento se contrapõe às amarras advindas da objetividade e da utilização de métodos estritamente quantitativos, refletindo a racionalidade instrumental dominante das ciências naturais, onde nascera o próprio conhecimento científico (Bertero, 2013).

Após incorporação da visão qualitativa nos estudos científicos sociais, tornou-se possível abordar, enquanto assunto central, a complexidade da sociedade através de métodos mais subjetivos de análise (Cabral, 2002; Freire; Macedo, 2022), diferente do que comumente ocorre em outras áreas. Com o avanço dos paradigmas emergentes neste campo de estudo, observou-se também o surgimento e o desenvolvimento de métodos mais flexíveis, alternativos à perspectiva positiva e meramente instrumental (Bertero, 2013, Cristi, 2018). Nesse sentido, novas abordagens para a inserção do pesquisador no campo passaram a ser consideradas nas ciências sociais, permitindo uma compreensão mais ampla do objeto de estudo.

Ainda assim, os pesquisadores que se utilizam de métodos qualitativos têm enfrentado a necessidade e o desafio de validar seus achados sob um caráter “científico”, uma vez que esse tipo de pesquisa é marcado, sobretudo, pelas críticas à subjetividade (Bertero, 2013). Observa-se, portanto, um amplo debate entre as dicotomias da objetividade e da subjetividade (Santos *et al.* 2023), bem como da liberdade e do rigor no fazer científico (Reed, 1999).

Destarte, visando garantir confiabilidade, validade e legitimidade aos seus achados, os pesquisadores da abordagem qualitativa passaram a se valer em maior intensidade de protocolos metodológicos e sistemáticos de coleta e análise de dados (Vieira, 2004; Godoy, 2013). Tais cuidados passaram a exigir o amplo conhecimento por parte dos cientistas sobre as características e especificidades dos métodos de pesquisa, responsáveis por garantir a coesão entre a epistemologia e a metodologia adotadas em cada estudo. Ressalta-se que – para este trabalho – métodos científicos representam um conjunto de diretrizes, procedimentos e abordagens de investigação, utilizados para desenvolver uma pesquisa.



À luz de todas essas reflexões e buscando contribuir nas discussões das ciências sociais, o presente ensaio teórico-metodológico⁵ ressalta a importância da escolha metodológica, especialmente em pesquisas qualitativas que tenham como etapa a inserção e consequente imersão do pesquisador junto a grupos sociais e suas complexas realidades. Nesse sentido, uma análise que se configure a partir de comparações entre métodos assim caracterizados se justifica para esclarecer possíveis riscos e externalidades nas suas escolhas, garantindo a coesão epistêmica.

Para tal, propõe-se o aprofundamento nas características da etnografia e da pesquisa-ação, devido ao fato de ambas consistirem em métodos de investigação marcados por intensa e profunda imersão do pesquisador em seu campo, na busca pela compreensão da complexidade social (Santos; Condé; Brito, 2011; Silvo, 2022).

Evidencia-se a ideia de que ambos os métodos lançam mão da inserção do cientista no campo de estudo. Porém, eles são capazes de abarcar e recomendar distintos níveis de participação e interferência nas atividades dos grupos sociais estudados. Diante dessa problematização, este trabalho parte da seguinte questão norteadora: *Quais são as peculiaridades da etnografia e da pesquisa-ação, enquanto métodos para as pesquisas qualitativas nas ciências sociais?*

Para atender à pergunta proposta, uma Revisão Narrativa de Literatura foi conduzida utilizando o *software Harzing's Publish or Perish 8.8.4275*. Esta pesquisa direcionou-se à identificação de artigos relevantes nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*, empregando os termos de busca Etnografia e Pesquisa-Ação. Os trabalhos selecionados foram aqueles que continham esses termos nas palavras-chave e se destacaram por sua frequência de citação e impacto ao longo das últimas décadas.

Os critérios de seleção incluíram não apenas a pertinência à questão de pesquisa, mas também a análise dos resumos para avaliar sua adequação. Além disso, foram priorizados os artigos mais recentes e amplamente reconhecidos no âmbito das ciências sociais e de suas respectivas metodologias. Essa abordagem visou proporcionar uma compreensão abrangente da evolução do conhecimento em ambas as metodologias, destacando suas origens, características principais e fundamentos epistemológicos subjacentes.

⁵ Considera-se o ensaio teórico-metodológico como um trabalho que – a partir das reflexões dos próprios autores sobre a literatura consultada – objetiva compreender melhor as concepções de determinadas metodologias científicas.



Assim, acredita-se que este trabalho ajuda a identificar possibilidades e potenciais de aplicação da etnografia e da pesquisa-ação em estudos qualitativos nas ciências sociais. Isso é importante para delimitar os atributos que asseguram coerência e rigor metodológico nos trabalhos qualitativos, tendo em vista que a literatura precisa avançar progressivamente nessa discussão (Patias; Hohendorff, 2019; Torlig *et al.* 2022).

2 As origens e principais características da etnografia

O método etnográfico foi inicialmente utilizado por viajantes que tinham por objetivo a investigação de sociedades exóticas, distantes e primitivas, tendo como eixo central a diferença e a não familiaridade (Travancas, 2006). Dessa forma, o processo de vivência etnográfico abre ao pesquisador a possibilidade de estabelecer discussões entre uma lógica já conhecida pela comunidade científica e uma ainda desconhecida, buscando, com essa interlocução, descrever, entender e aprender como esse sistema é (Clifford, 2011).

Bronislaw Malinowski foi o pioneiro na construção desse método de pesquisa precursor na antropologia – apresentando sua experiência junto ao povo Mailu da Melanésia, iniciada em 1914, resultando em livro que se tornou um clássico da área e trouxe uma densa descrição do que denominou como “o trabalho de campo” (Travancas, 2006). Malinowski defendia que a vivência e convivência íntima e por longos períodos proporcionaria um “mergulho” na cultura do outro, e esta seria a única maneira de um antropólogo conhecer com profundidade uma cultura, sendo então capaz de entender o significado de seus símbolos lógicos muitas vezes idiossincráticos (Travancas, 2006).

Mesmo sendo desenvolvido inicialmente para o estudo de comunidades isoladas e em pequena escala, este método foi se expandindo. Com isso, a etnografia passou a ser usada para estudar comunidades circunstanciais unidas por etnia, idade, classe social e outros fatores semelhantes (Angrosino, 2009). Ou seja, grupos de pessoas que compartilham algo.

A etnografia seria, então, um método qualitativo que visa apreender os modos como as pessoas conduzem seus cotidianos, no intuito de atribuir significados e sentidos às ações observadas (Mattos, 2011, Tacchi, 2003). A etnografia também pode ser considerada um paradigma intelectual, pois deriva de epistemologias que acreditam que o conhecimento profundo do outro só ocorre através da imersão do etnógrafo em seu cotidiano (Alcadipani, 2014).



Segundo Alcadipani (2014) e Tacchi (2003), a etnografia seria uma forma de produzir dados empíricos sobre as pessoas em situações específicas, através da observação e da escuta atenta do que é dito por longos períodos. Tacchi (2003) divide a etnografia em duas fases principais, uma fase prática e relacionada à ida ao campo e à coleta de dados, e outra fase reflexiva, que envolve a análise de dados e a escrita do texto científico.

Angrosino (2009) lista alguns dos principais usos do método etnográfico e conta que, em geral, ele é utilizado para o estudo de questões ou comportamentos sociais que ainda não foram claramente entendidos, como também para questões onde seja importante conhecer a perspectiva de determinadas pessoas. Além disso, Angrosino (2009) indica que a etnografia pode ser utilizada para investigar problemas de pesquisa em realidades ainda desconhecidas, ou mesmo para tentar explicar comportamentos observados e não descritos pela literatura.

Uma característica fundamental da etnografia, é sua capacidade de captar a interação cotidiana das pessoas (Angrosino, 2009). O método identifica padrões de comportamento do grupo estudado, através de um trabalho de campo a longo prazo, indutivo e dialógico, uma vez que tende a refletir tanto os comportamentos e valores ideais do grupo, como também o comportamento natural, dependendo da situação em que for extraído (Angrosino, 2009).

O etnógrafo não está, a princípio, interessado em encontrar verdades ou apontar erros nas falas recolhidas. Mas parte do entendimento que até mesmo as contradições e negações podem ser essenciais na compreensão do objeto de estudo, pois essas atitudes podem muitas vezes dizer mais do que uma resposta propriamente dita (Romero-Rodríguez; Moreno-Morilla; Jiménez, 2021, Uriarte, 2022). Sua intenção seria a de ouvir, captar as ações das pessoas e daí entender sua lógica de atuação (Romero-Rodríguez; Moreno-Morilla; Jiménez, 2021).

Apesar de existirem inúmeras outras possibilidades, duas técnicas de coleta de dados muito comuns em pesquisas etnográficas são as entrevistas e observações participante (Mattos, 2011; Travancas, 2006). Segundo Travancas (2006), as entrevistas na etnografia assumem um formato bastante flexível, podendo ocorrer durante dias e em diferentes locais, devido à facilidade proporcionada pela vivência junto ao grupo. De acordo com esta autora, o etnógrafo encara tudo o que está sendo dito na entrevista como importante e relevante, uma vez que, independente do formato da resposta, cada fala



contribui muito no entendimento do entrevistado e, conseqüentemente, do grupo como um todo.

Isso também se aplica à observação participante, que é outra técnica qualitativa amplamente utilizada para o recolhimento de dados etnográficos. Travancas (2006) chama atenção para o fato de que por mais que a etnografia envolva escutar os membros do grupo, sua participação nas atividades diárias não é desaconselhada e até muitas vezes valorizada como estratégia de pesquisa.

A participação do etnógrafo nas atividades serve para que, além de maior aceitação do grupo, o pesquisador possa ter sobre este um maior entendimento (Clifford, 2011). A participação dá ao pesquisador a chance de entender a linguagem do grupo, assimilar-se a ela e depois, traduzi-la para termos científicos (Clifford, 2011).

O etnógrafo não se posiciona de maneira ingênua em relação a sua presença no grupo, ele observa e está ciente de que é observado, sabe que sua presença pode alterar a rotina, inibir comportamentos ou até gerar reações (Travancas, 2006). Não há um único código de ética ou de procedimentos metodológicos que ditem a intensidade de participação do pesquisador junto ao grupo. As decisões quanto ao envolvimento e participação derivam da própria sensibilidade do pesquisador em se juntar ou não às atividades (Travancas, 2006). Contudo, deve-se sempre atentar para o comportamento das pessoas perante suas escolhas e aproximações no dia a dia.

Quanto à interpretação dos dados obtidos, a análise descritiva diria respeito à decomposição das informações e falas coletadas em elementos que possibilitem a identificação de padrões e convergências sobre comportamento, opiniões e demais características centrais do grupo (Travancas, 2006). O processo de análise teórica, por outro lado, compreenderia a adequação dos dados coletados à literatura já existente, seria descobrir como cada parte dos padrões encontrados na análise descritiva se encaixa nas categorias teóricas (Travancas, 2006). Isto é, demonstrando como suas descobertas se relacionam às explicações anteriores, feitas por outros pesquisadores acerca de fenômenos semelhantes, contestando definições teóricas já existentes ou agregando novas contribuições a esses achados.

Segundo Travancas (2006), a última etapa do processo etnográfico diria respeito à escritura ou elaboração do texto final, um texto voltado aos pares da academia. O texto científico tradicional vem sendo uma “camisa de força” para o etnógrafo, uma vez que o mesmo tem por objetivo transmitir, de maneira clara, as experiências vividas por outras pessoas (Angrosino, 2009). Dessa forma, os etnógrafos foram experimentando nos



últimos anos caminhos alternativos de apresentar um produto etnográfico, lançando mão, em diferentes intensidades, de produtos literários e artísticos – com o intuito de encontrar um modo mais expressivo de representar tais experiências (Angrosino, 2009).

Angrosino (2009) apresenta diferentes elementos que favorecem a elaboração do texto final etnográfico. Dentre eles, destaca-se a possibilidade da utilização de textos estratégicos que auxiliam no entendimento das mensagens propostas como hipóteses ou proposições norteadoras e, principalmente, o uso de metáforas e outros dispositivos literários que poetizam e tornam mais claros os achados.

3 As origens e principais características da pesquisa-ação

A pesquisa-ação surgiu na década de 1940, pelo psicólogo alemão Kurt Lewin, que desenvolveu uma abordagem metodológica de aproximação entre pesquisadores e pesquisados, buscando maior diálogo entre eles e uma articulação profunda entre teoria e prática (Santos; Condé; Brito, 2011). Sua origem também partiu do movimento das ciências sociais, quando percebeu a necessidade de pesquisas que inserissem aspectos educacionais do comportamento em grupo e da aprendizagem ativa, assim como uma maior troca de conhecimento entre o cientista e o objeto de estudo (Bezerra; Tanajura, 2015).

A pesquisa-ação foi propagada inicialmente pela psicologia, tendo um caráter experimental social durante a Segunda Guerra Mundial (Tripp, 2005). Sua perspectiva epistemológica está situada nas ciências sociais em uma filosofia que concebe o conhecimento como oriundo da relação coprodutiva e coparticipativa entre indivíduos de uma determinada configuração social (Bezerra; Tanajura, 2015; Franco, 2005).

A pesquisa-ação parte da ação e do consenso, não podendo ser um processo monológico e unidirecional (Pereira; Wagner; Gasparin, 2022; Silva; Sauerbronn; Thiollent, 2022). Ela deve se basear em uma relação de confiança entre os atores envolvidos e catalisar seus múltiplos esforços em torno de uma situação que precisa de respostas (Almeida; Saravali, 2022; Lachtim *et al.*, 2022). É um método essencialmente interativo e demanda comprometimento ativo do pesquisador para uma mobilização coletiva e, posteriormente, a teorização sobre a mesma (Dionne, 2007; Drago, 1989; Peruzzo, 2016).

Através da perspectiva filosófica de que a ciência é um conhecimento proveniente da produção cultural humana, Peruzzo (2016) insere a pesquisa-ação em uma dimensão



que se abstém da neutralidade e da objetividade, inerentes à pesquisa científica instrumental hegemônica. Isso se deve ao conteúdo social deste tipo de pesquisa, que não conta com o uso de uma dimensão lógico-formal de verificação, nem incorpora elementos como a falseabilidade, os testes de hipóteses e o distanciamento formal entre sujeito e objeto (Thiollent, 2011).

A pesquisa-ação só existe se tiver uma ação sobre a qual o pesquisador possa atuar como moderador e teorizar a respeito. Nessa perspectiva, a atuação dos envolvidos com o processo de pesquisa-ação ocorre “durante o desenrolar das ações, a interação dominante envolve a organização e o agente de mudança, enquanto a interação com a comunidade científica é mediada pelo agente de mudança” (Drago, 1989, p. 66).

No que se refere à abordagem epistemológica, a pesquisa-ação produz conhecimento a partir da significação da interação de um grupo por uma causa em comum. Por esse aspecto, Barbier (2007) atribui ainda à pesquisa-ação uma característica antropológica, considerando os elementos substantivos como essenciais para produção do conhecimento científico.

Em vista disso, nota-se que na execução de uma pesquisa-ação os eventos que ocorrem no cotidiano social possuem interações dinâmicas importantes a serem consideradas, enquanto parâmetro de avaliação dos desdobramentos do estudo. Assim, por toda sua complexidade, a pesquisa-ação necessita de um planejamento contínuo e flexível de execução (Thiollent, 1997).

As fases que compõem uma pesquisa-ação, consideradas prioritariamente neste presente trabalho, serão as indicadas por Thiollent (2011). Todavia, a proposição deste autor não esgota a multiplicidade de processos e ciclos possíveis de uma pesquisa-ação. Por conta disso, ressalta-se a existência de outros elementos para a realização da pesquisa-ação, tais quais os propostos por autores como Barbier (2007), Coughlan e Coughlan (2002), Tripp (2005).

Em meio às diferentes proposições processuais de etapas para a feitura da pesquisa-ação, Franzolin, Minghini e Lourenço (2013) definem como pontos comuns a todas elas a presença de: uma reflexão exploratória; seguida de um processo sistemático de planejamento; com uma ação comum na sequência; e sendo finalizada por uma etapa de reflexão coletiva e avaliação dos achados.

De acordo com Thiollent (2011), a primeira etapa para a realização da pesquisa-ação é de verificar a viabilidade da mesma. Isto é, identificar a existência de um problema coletivo que possa ser solucionado por meio do conjunto de ações grupais planejadas.



Ademais, o pesquisador precisa constatar se será possível contar com estruturas, recursos e atores que lhes permitam a realização do trabalho (Thiollent, 2011).

Posteriormente a isso, todos os aspectos tidos como necessários devem ser contemplados em uma fase exploratória que culmina no desenvolvimento de um diagnóstico situacional sobre a realidade investigada, marcada pela eleição e priorização de situações-problema a serem solucionadas (Thiollent, 2011). Em seguida, este autor destaca ser preciso que a problemática norteadora do trabalho seja definida junto aos atores envolvidos e um plano flexível de ação sistematizado.

Logo após, é preciso que o pesquisador se valha de seminários expositivos, junto a um comitê composto por grupos sociais envolvidos com a situação investigada para, dentre outras finalidades, equacionar as questões associadas à mudança planejada desenvolvida a partir da pesquisa-ação; bem como para elaboração de registros informativos, até mesmo para a própria deliberação coletiva (Thiollent, 2011).

Este autor apresenta ainda, que depois da realização dos seminários e das demais formas de exposição dos resultados, é necessária a validação dos achados junto aos interlocutores da pesquisa para a comunicação científica de dados fidedignos. No que tange à validação, a pesquisa-ação demanda a legitimação junto aos interlocutores do processo, uma vez envolver um saber interno de quem forneceu as informações para a mudança social realizada (Thiollent, 2011).

Além desses elementos, uma descrição clara dos processos e avanços da pesquisa de maneira sistemática é importante. Isso porque, ela traz maior credibilidade, indicando que os fatos comunicados cientificamente ocorreram conforme aquilo apresentado previamente pelo pesquisador (Franzolin; Minghini; Lourenço, 2013). Por ser um método em que o pesquisador interage diretamente com outros indivíduos e interfere na realidade onde estão inseridos, a pesquisa-ação deve possuir uma preocupação ética, desde as etapas anteriores à inserção do pesquisador no campo.

Portanto, o pesquisador deve estar preocupado com as implicações de seu trabalho na vida dos afetados pelas ações por ele desenvolvidas. Em relação às dimensões ideológica e política da pesquisa-ação, é preciso que o cientista social atente constantemente ao escopo de sua atuação. Para tanto, ele deve moderar uma reflexão coletiva, teorizando sobre a mesma e não doutrinando grupos, impondo seus valores ou ainda fortalecendo uma lógica de dominação (Thiollent, 2011).

Na pesquisa-ação, para a resolução da questão elencada pelo grupo, é importante uma compreensão a partir de uma análise descritiva do contexto observado (Thiollent,



1997). Entretanto, ressalta-se que essa descrição está mais direcionada para os fatores relacionados ao problema investigado (Lachtim *et al.* 2022; Silva; Costa Filho; Brito, 2014), de modo a não se aprofundar em questões mais abrangentes como a história geral, as raízes, ou a configuração etnológica de uma coletividade (Thiollent, 1997).

Os seminários consistem como os principais instrumentos para a produção dos dados da pesquisa e interpretação dos mesmos, sendo uma arena fundamental para o debate coletivo e colocação das questões multidimensionais trazidas pelos diferentes atores da pesquisa-ação (Thiollent, 2011). Este autor entende que seminário envolve o uso de entrevistas amplas e de espaços para a discussão, assim como também serve para desenvolver técnicas de comunicação e dinâmicas grupais, trabalhando a dimensão coletiva na construção de conhecimento.

Ao final do processo da pesquisa-ação, emerge como produto do trabalho da investigação coletiva, um relatório estruturado com saberes formais e informais integralizados em uma documentação holística – revelando uma situação vivenciada pelo grupo ou organização (Thiollent, 2011). Além disso, este autor indica que a aprendizagem coletiva e a nova dinâmica social que se estabelece no grupo, podem ser apontadas como devolutivas da pesquisa-ação, encerrando o trabalho do pesquisador.

Para reflexão sobre a etapa de desligamento da pesquisa-ação, considera-se o trabalho de Pereira e Conceição (2013), que constataram uma lacuna nos achados dos autores de referência. Isso consiste no fato de que eles atribuem menor atenção na proposição de um protocolo sistemático na fase do desligamento, ao focarem suas análises na avaliação global do processo, verificação dos resultados e elaboração de relatórios.

Com isso, Thiollent (2011) ressalta a necessidade do desenvolvimento de mecanismos para apresentar as devolutivas às pessoas, em relação aos resultados da pesquisa. Após a conclusão deles, também é necessário tirar as dúvidas mais específicas (caso alguém tenha), findando, assim, as relações entre o pesquisador e o grupo social analisado (Thiollent, 2011).

4 Características distintivas da etnografia e da pesquisa-ação

A partir da literatura apresentada nos dois tópicos anteriores, é possível observar certas similaridades entre a etnografia e a pesquisa-ação, como: o enfoque que ambas têm de compreender os fenômenos sociais; as suas subjetividades no processo de pesquisa,

contrapondo à lógica hegemônica de uma ciência objetiva e instrumental; a contextualização do objeto de estudo, fugindo de pretensões generalizantes; e a flexibilidade dos seus procedimentos metodológicos, não se prendendo a roteiros preestabelecidos.

Entretanto, este tópico busca apresentar as singularidades desses dois métodos. A identificação das singularidades da etnografia e da pesquisa-ação emergiu da análise de trabalhos que discutem o assunto, selecionando-os de modo não sistematizado. A partir disso, observou-se como principais particularidades deles os itens dispostos na Figura 1.

Figura 1: Características distintivas da etnografia e da pesquisa-ação enquanto métodos qualitativos das ciências sociais

Etnografia	Método Qualitativo	Pesquisa-ação
Descrição cotidiana do objeto de estudo.	Recorte da Descrição Analítica	Descrição situacional do objeto de estudo.
Produz conhecimento através da significação dos elementos manifestos pelo grupo social estudado.	Produção do Conhecimento	Produz conhecimento a partir da significação da interação com o grupo social estudado.
Ocorre por concepções próprias do pesquisador face às relações identificadas.	Modo de Reflexão dos Achados	Ocorre por concepções coletivas, fruto do processo de interação entre o pesquisador e os grupos sociais.
Não há interferência direta. No máximo, há participação nas práticas.	Interferência nas práticas sociais	A interferência nas práticas é uma pretensão da própria pesquisa.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Cada um desses itens será discutido nos próximos subtópicos. Pondera-se que eles não devem representar traços restritos da etnografia e da pesquisa-ação, até porque a forma com a qual esses métodos são utilizados depende muito da referência bibliográfica e de como os pesquisadores delineiam seu estudo. Mas indicam suas possibilidades mais gerais de uso – segundo uma literatura específica, de impacto e recente acerca do tema, a fim de particularizá-los frente a outros métodos.



4.1 Recorte da Descrição Analítica

O recorte da descrição analítica diz respeito a quais circunstâncias do objeto de estudo o pesquisador buscará analisar. Uma mesma prática social pode ser estudada por inúmeras perspectivas. Não que haja uma melhor ou pior que a outra, mas uma mais adequada àquilo que se quer revelar e, ao optar por alguma, deve-se utilizar métodos aderentes a sua escolha. Em vista disso, neste subtópico é indicado qual dos dois métodos discutidos é mais compatível com um recorte situacional das manifestações sociais e qual descreve atributos mais cotidianos.

Na etnografia, o pesquisador busca captar o ponto de vista nativo (Orobitg, 2020). Para isso, o mais importante acaba sendo observar suas rotinas e rituais e escutar o que os mesmos têm a dizer (Orobitg, 2020; Travancas, 2006). Dessa forma, seu produto final seria o registro e a análise das experiências, práticas e emoções do cotidiano dos grupos sociais estudados (Angrosino, 2009), apresentando uma descrição mais permanente de suas características (Vila, 2021).

Já a pesquisa-ação, tem a pretensão de compreender as dinâmicas sociais, extraíndo – pela interação com o objeto de estudo – saberes que possam enriquecer as análises e oportunizar caminhos ainda não percebidos (Lachtim *et al.* 2022; Thiollent, 2011) para o desenvolvimento de ações e repostas situacionais (Baldissera, 2012). A pesquisa-ação teria o potencial de provocar alterações nas relações sociais (Drago, 1989; Silva; Costa Filho; Brito, 2014; Tripp, 2005). Assim, observa-se que a descrição do seu objeto de estudo é situada, considerando os problemas e questões que podem ser resolvidos.

4.2 Produção do Conhecimento

A produção do conhecimento é como o pesquisador teoriza os dados da sua pesquisa, tornando-os reveladores para as inquietações que foram pontos de partida do estudo. Nas ciências sociais, a produção do conhecimento por muito tempo foi espelhada na racionalidade objetiva e instrumental, comum nas ciências naturais (Bertero, 2013). Porém, no decorrer dos anos foram desenvolvidos novos paradigmas, voltados a captar a complexidade social (Bertero, 2013; Cristi, 2018). A etnografia e a pesquisa-ação, como métodos da abordagem qualitativa, produzem conhecimento científico por meio de bases subjetivas, só que fazem isso por caminhos distintos.



Na etnografia, a produção do conhecimento ocorre através da significação dos elementos manifestos pelo grupo social estudado. Em geral, suas pesquisas apresentam como problemáticas a necessidade do entendimento dos comportamentos sociais ainda não esclarecidos (Silvo, 2022) e questões de como é importante conhecer a perspectiva de um determinado grupo (Uriarte, 2022). Logo, suas inferências acontecem ao decifrar as relações sociais do objeto de estudo (Angrosino, 2009).

De outro modo, na pesquisa-ação a produção do conhecimento é feita quando o pesquisador teoriza a sua interação com determinados atores sociais (Almeida; Saravali, 2022; Tripp, 2005). Ou seja, caracteriza-se como um método apropriado para um estudo em que os elementos investigados estão se manifestando e o pesquisador possui a possibilidade de conduzir medidas para alterar a realidade observada (Drago, 1898; Baldissera, 2012; Thiollent, 2011).

4.3 Modo de Reflexão dos Achados

Além do processo de produção do conhecimento, esses dois métodos se diferenciam em relação ao modo em que os achados da pesquisa são refletidos, sejam pelas concepções próprias do pesquisador ou coletivamente, com os grupos sociais estudados. A partir disso, é possível vislumbrar os procedimentos de análise de dados mais adequados para cada um desses métodos.

Mesmo o enfoque da etnografia sendo as práticas sociais cotidianas, a reflexão dos achados não é interativa. Mas parte de um esforço intelectual individual do próprio pesquisador (Travancas, 2006). Todavia, não se trata de uma reflexão superficial e sim densa, fundamentando-se em registros profundos de um determinado contexto social (Jackson; Benson; Calafate-Faria, 2021; Silvo, 2022). Tal profundidade de reflexão individual pode se basear em diferentes técnicas de coleta dos dados (Angrosino, 2009).

Para a pesquisa-ação, a reflexão sobre os dados surge da interação entre o pesquisador e os atores sociais (Dresch; Lacerda; Miguel, 2015; Franco, 2005; Pereira; Wagner; Gasparin, 2022; Silva; Sauerbronn; Thiollent, 2022). Portanto, o modo de análise dos achados acontece por concepções coletivas, não por um esforço individualizado. Isso vai ao encontro da observação de Coughlan e Coughlan (2002), de que a pesquisa-ação deve ser entendida como “pesquisa na ação”, em contraposição a uma “pesquisa sobre a ação”, sendo sempre simultânea e resultante das ações coletivas.



4.4 Interferência nas práticas sociais

Quando se realiza uma pesquisa social, que pode gerar implicações para um grupo de pessoas, é essencial compreender o seu potencial de influência nas relações existentes e até no comportamento do público-alvo na fase de coleta de dados. Nesse sentido, cabe mencionar a capacidade da etnografia e da pesquisa-ação interferirem nas práticas sociais, mesmo que somente pelas suas pretensões, tendo em vista que muitas vezes essa interferência pode ser não intencional.

Por conta do seu caráter descritivo do cotidiano, a etnográfica envolve captar as relações frequentes de um grupo social estudado. Em vista disso, o etnógrafo evita se envolver ou interferir muito nessas relações, para que o grupo não reaja de modo diferente ao habitual (Uriarte, 2022). Isso não significa que na etnografia o pesquisador sempre vai se afastar das práticas dos seus objetos de estudo, pois muitas vezes eles participam delas (Uriarte, 2022). Porém, esse envolvimento acaba sendo opcional e bem calculado para que os dados não sejam distorcidos (Travancas, 2006).

Na pesquisa-ação, a interferência nas práticas é uma pretensão da própria pesquisa. Nela os pesquisadores não só analisam as relações dos atores sociais, como também interagem com eles e desenvolvem condições para uma aprendizagem coletiva (Silva; Sauerbronn; Thiollent, 2022; Trip, 2005; Thiollent, 2011). Ressalta-se que a pesquisa-ação busca uma interação democrática e igualitária, devendo ela ser mantida por uma relação horizontal entre os atores envolvidos, de maneira que todos se tornem corresponsáveis pelas medidas propostas (Thiollent, 1997).

5 Considerações finais

Ao longo deste ensaio foi possível observar que apesar da etnografia e a pesquisa-ação terem alguns traços comuns, inclusive com outros métodos qualitativos das ciências sociais – como: a compreensão das questões sociais; a subjetividade no processo de pesquisa, em contraposição a uma perspectiva científica objetiva; a contextualização do objeto de estudo; e a flexibilidade metodológica, não se prendendo a técnicas e padrões predeterminados – elas apresentam suas particularidades.

Quanto ao recorte da descrição analítica do objeto de estudo, pode-se dizer que a etnografia busca uma descrição das expressões sociais cotidianas, diferente da pesquisa-ação que tem uma descrição mais situacional. Em relação à produção do conhecimento, na etnografia ela ocorre por meio da significação dos elementos manifestos pelo grupo



social estudado, ao passo que a pesquisa-ação significa a própria interação entre o pesquisador e o grupo social investigado.

Já o modo de reflexão dos achados na etnografia se desenvolve pelas concepções individuais do pesquisador face às questões identificadas, distintamente à reflexão coletiva que é feita na pesquisa-ação. Por fim, identificou-se que na etnografia não há interferência direta nas práticas sociais, no máximo o pesquisador participa delas. Na pesquisa-ação a interferência nas práticas sociais é uma pretensão estabelecida.

Destaca-se que tais peculiaridades não devem ser consideradas as únicas desses dois métodos, apenas como as principais identificadas a partir da análise de uma literatura específica. Até porque, as particularidades da etnografia e da pesquisa-ação dependerão muito da referência bibliográfica utilizada e de como os pesquisadores estruturam seu estudo. Nesse sentido, indica-se como limitação deste ensaio a discussão e reflexão de um referencial bem próprio (mesmo sendo recente, de impacto e oriundo de bases renomadas) e que não decorreu de procedimentos de coleta e análise de dados sistematizados. Sugere-se que sejam realizados estudos futuros sobre o tema através de outros moldes.

Contudo, acredita-se que este trabalho é um bom ponto de partida para entender o tema estudado e traz contribuições relevantes para a literatura. O presente ensaio ajuda a identificar possibilidades e potenciais de aplicação da etnografia e da pesquisa-ação em investigações qualitativas nas ciências sociais. Isso é importante para delinear os elementos que asseguram uma coerência metodológica dos trabalhos qualitativos, tendo em vista que a literatura precisa avançar progressivamente nessa problemática (Patias; Hohendorff, 2019; Torlig *et al.* 2022).

Referências

ALCADIPANI, R. Confissões Etnográficas: fracassos no acesso a organizações no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 64-87, jun. 2014. <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2014.v1n1.31>.

ALMEIDA, E. Á. F.; SARAVALI, E. G. Contranarrativas Africanas: uma pesquisa-ação em resposta à construção de estigmas hegemônicos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, e19320, p. 1-23, mai. 2022. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.17.19320.063>.

ANGROSINO, M. **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, ago. 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/38883555>. Acesso em: 8 fev. 2024.



BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BETERO, C. O. Área qualitativa em ciências sociais e estudos organizacionais. In: TAKAHASHI, A. R. W. (org.). **Pesquisa qualitativa em administração**: fundamentos métodos e usos no Brasil. São Paulo: Atlas, 2013. p. 7-22.

BEZERRA, A. D. C.; TANAJURA, L. L. C. A Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. **Revista eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 7, n. 13, p. 10-23, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/408>. Acesso em: 8 fev. 2024.

CABRAL, A. C. A. Reflexões sobre a pesquisa nos estudos organizacionais: Em busca da superação da supremacia dos enfoques positivistas. **Revista Interdisciplinar de Marketing**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 60-73, jan/abr. 2002. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rimar/article/view/26265/14071>. Acesso em: 8 fev. 2024.

CAMAYD, Y. R.; FREIRE, E. E. E. Estratégias metodológicas de investigação nas ciências sociais. **Revista Conrado**, Cienfuegos, v. 16, n. 77, p. 65-73, dez. 2020. Disponível em: <https://conrado.ucf.edu.cu/index.php/conrado/article/view/1568>. Acesso em: 8 fev. 2024.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

COUGHLAN, P.; COGHLAN, D. Action research for operations management. **International Journal of Operations & Production Management**, London, v. 22, n. 2, p. 220-240, fev. 2002. <https://doi.org/10.1108/01443570210417515>.

CRISTI, M. A. A. Los métodos positivista y fenomenológico, una explicación desde las ciencias naturales y sociales. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 541-555, dez. 2018. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2018.v.6.n.12.219>.

DAL ROSSO, S.; BANDEIRA, L.; COSTA, A. T. M. Pluralidade e Diversidade das Ciências Sociais: uma contribuição para a epistemologia da ciência. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 231-246, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/4939>. Acesso em: 8 fev. 2024.

DIONNE, H. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro, 2007.

DRAGO, P. A. Pesquisa-ação-uma opção metodológica para conhecimento-mudança da realidade organizacional. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 62-69, jun. 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/9088>. Acesso em: 8 fev. 2024.

DRESCH, A.; LACERDA, D. P.; MIGUEL, P. A. C. Uma análise distintiva entre o estudo de caso, a pesquisa-ação e a *design science research*. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v. 15, n. 56, p. 1116-1133, nov. 2015. <https://doi.org/10.7819/rbgn.v17i56.2069>.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, dez. 2005. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702200500030001>.

FRANZOLIN, J. S.; MINGHINI, L.; LOURENÇO, M. L. Pesquisa-ação. In: TAKAHASHI, A. R. W. (org.). **Pesquisa qualitativa em administração**: fundamentos métodos e usos no Brasil. São Paulo: Atlas, 2013. p. 223-258.



FREIRE, I. P.; MACEDO, S. M. F. A investigação qualitativa em Educação – aspectos epistemológicos e éticos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 10, n. 24, p. 276-296, out. 2022. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2022.v.10.n.24.400>.

GODOY, A. S. Fundamentos da pesquisa qualitativa. In: TAKAHASHI, A. R. W. (org.). **Pesquisa qualitativa em administração: fundamentos métodos e usos no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2013. p. 35-48.

JACKSON, E.; BENSON, M.; CALAFATE-FARIA, F. Multi-sensory ethnography and vertical urban transformation: ascending the Peckham Skyline. **Social & Cultural Geography**, Cardiff, v. 22, n. 4, p. 501-522, abr. 2021. <https://doi.org/10.1080/14649365.2019.1597152>.

LACHTIM, S. A.; TRAPÉ, C. A.; PASQUIM, H. M.; SOARES, C. B. Dynamics between potential for strengthening and weakening in the lives of public-school youth: action research with emancipatory workshops. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 1-12, jul. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0104-1290202210354en>.

MATTOS, L. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, L.; CASTRO, A. (org.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-84.

OROBITG, G. Etnografía de los medios de comunicación indígenas y afroamericanos: propuestas metodológicas. **Revista Española de Antropología Americana**, Madrid, v. 50, n. 1, p. 211-214, set. 2020. <https://doi.org/10.5209/reaa.71751>.

PATIAS, N. D.; HOHENDORFF, J. V. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 24, n. 1, p. 1-14, nov. 2019. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536>.

PEREIRA, A. C.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Processo de desligamento entre pesquisadores e participantes na pesquisa-ação. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 25, n. 1, p. 109-126, abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4932>. Acesso em: 8 fev. 2024.

PEREIRA, T. L.; WAGNER, V.; GASPARIN, J. L. The Gasparian method as a critical perspective of didactic qualification in higher education: research-action. **Revista Brasileira de Educação**, Maeingá, v. 27, n. e270080, p. 1-17, jan. 2022. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270081>.

PERUZZO, C. M. K. Epistemologia e método da pesquisa-ação. Uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 25., 2016, Goiânia. **Anais...** Campinas: Galoá, 2016. p. 1-22.

REED, M. Teorização Organizacional: um campo historicamente contestado. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORDY, W.; CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (org.) **Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 61-99.

ROMERO-RODRÍGUEZ, S.; MORENO-MORILLA, C.; JIMÉNEZ, E. G. La construcción de las identidades culturales en niñas y niños migrantes: Un enfoque desde la etnografía colaborativa. **Revista de Investigación Educativa**, Barcelona, v. 39, n. 2, p. 483-501, jul. 2021. <https://doi.org/10.6018/rie.441411>.



SANTOS, F. N.; NÉO, D. M. V.; SILVA, R. J. N.; BARBOSA, F. G.; SILVA, R. R.; ALMEIDA, E. R. Work and social being: a critical analysis of the onto-historical relationship. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 12, n. 2, p. 1-9, jan. 2023. <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i2.40088>.

SANTOS, T. S.; CONDÉ, D.R.; BRITO, M. J. Pesquisa-ação e ethnographic-actionresearch: métodos de pesquisa qualitativa para desenvolvimento e implementação de tecnologias. In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO, 3., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ANPAD, 2011. p. 1-16.

SILVA, C. M., SAUERBRONN, F. F.; THIOLENT, M. Decolonial Studies, Non-Extractive Methods, and Participatory Action Research in Accounting. **Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, v. 26, n. 4, p. 1-17, dez. 2022. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2022210014.en>.

SILVA, I. C.; COSTA FILHO, C. G.; BRITO, M. J. Investigação Apreciativa e Pesquisa-ação: Relação Dialógica, Complementaridade ou Oposição? **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Recife, v. 12, n. 2, p. 163-172, fev. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaorg/article/view/21994>. Acesso em: 8 fev. 2024.

SILVO, I. G. El guion cinematográfico como etnografía. A propósito de una investigación antropológica en Arabia Saudí. **Revista de Antropología y Arqueología**, Bogotá, v. 1, n. 47, p. 141-166, abr/jun. 2022. <https://doi.org/10.7440/antipoda47.2022.07>.

TACCHI, J. A.; SLATER, D.; HEARN, G. N. **Ethnographic Action Research: a user's handbook**. New Delhi: UNESCO, 2003.

THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

THIOLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

TORLIG, E.; RESENDE JUNIOR, P.; FUJIHARA, R.; DEMO, G.; MONTEZANO, L. Proposta de Validação para Instrumentos de Pesquisa Qualitativa (Vali-Quali). **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 5-31, jan/abr. 2022. <https://doi.org/10.13058/raep.2022.v23n1.2022>.

TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, A; DUARTE, J. (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 98-109.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, dez. 2005. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>.

URIARTE, U. M. Os tempos da Ladeira da Preguiça: etnografia de longa duração de uma micro localidade do centro histórico de Salvador. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 65, n. 1, p. 1-35, mai. 2022. <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.192795>.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (org.). **Pesquisa qualitativa em administração**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13-28.

VILA, P. Versión estadounidense de la teoría de frontera: una crítica desde la etnografía. **Papeles de Población**, Toluca, v. 7, n. 30, p. 11-30, nov. 2011.

Recebido em: 10 de agosto de 2023.

Aceito em: 04 de abril de 2024.